



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ANTONIO MAXIMINO DA SILVA

**O COMBATE A HISTÓRIA DO SILÊNCIO:
A ANÁLISE DOS CASOS DE BULLYING PUBLICADOS NAS PAGINAS DE INTERNET**

**GUARABIRA – PB
2015**

ANTONIO MAXIMINO DA SILVA

**O COMBATE A HISTÓRIA DO SILÊNCIO:
A ANÁLISE DOS CASOS DE BULLYING PUBLICADOS NAS PAGINAS DE INTERNET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior

GUARABIRA – PB

2015

ANTONIO MAXIMINO DA SILVA

**O COMBATE A HISTÓRIA DO SILÊNCIO:
A ANÁLISE DOS CASOS DE BULLYING PUBLICADOS NAS PAGINAS DE INTERNET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior

Aprovado em 20 de março de 2015

Azemar dos Santos Soares Júnior

Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior
Universidade Estadual da Paraíba
Orientador

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Profa. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora

Rônia Galdino da Costa

Prof. Esp. Rônia Galdino da Costa
Universidade Estadual da Paraíba
Examinador

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, por ter me concedido a honra de conseguir concluir o curso de Licenciatura plena em história, a Universidade Estadual da Paraíba que me acolheu, ampliando meus horizontes, me dando assim uma formação acadêmica. Aos queridos professores da banca, Profa.Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, Profa. Esp. Rônia Galdino da Costa, que me deram o prazer de fazer parte de minha banca avaliadora.

Ao meu querido Orientador Prof.Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior, que com muito carinho aceitou a árdua tarefa de me orientar. A toda minha família que sempre me apoiou nas minhas decisões, principalmente a minha mãe Severina Maximina da Silva, meus irmãos Edileuza Maximino da Silva e Flávio Maximino da Silva. Agradecer a André Amaral Lemos por sempre acreditar em mim, Ana Paula Costa por sempre estar ao meu lado, Eduardo Sebastião pelo apoio, Edlaine Souza de Lima por seu esforço para comigo. A todos que não acreditaram em mim, me fortaleceram. Enfim, a todos que estiveram ao meu lado, são especiais.

“A amizade duplica as alegrias e divide as tristezas.”

Francis Bacon

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Antônio Maximino da
O combate à História do silêncio [manuscrito] : a análise dos casos de bullying publicados nas páginas de internet. / Antonio Maximino da Silva. - 2015.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior,
Departamento de História".

1. Bullying. 2. Indisciplina. 3. Violência. I. Título.

21. ed. CDD 900

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: Efeitos e meios de prevenção

SILVA, AntonioMaximino da.

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo analisar os casos de *bullying* escolar publicados nos jornais online da internet. Sabemos que a violência é um problema que prejudica a aprendizagem na sala de aula, além de provocar fortes distúrbios psicológicos na vida dos alunos. Foi partindo dessa assertiva que decidimos analisar a problemática do *bullying* escolar. Metodologicamente, fizemos o levantamento da literatura acerca do tema e a pesquisa dos casos publicados em jornais eletrônicos como o Globo e o Paraíba.com. A partir do uso da internet enquanto divulgador de saber, arquivo rico e vasto, pudemos problematizar a violência escolar num diálogo entre história e educação. Dentre as diversas formas em que se manifesta - agressões físicas, verbais, emocionais, perseguições, humilhações, dentre outros – o bullying tem se configurado como tema da ordem do dia.

Palavras-Chave: Bullying, indisciplina, violência.

ABSTRACT

This article aims to analyze the cases of school bullying published in online newspapers on internet. We know that violence is a problem that affect learning in the classroom, and causes severe psychological disorders in students lives. Based on this assertion we decided to analyze the school bullyingproblem. Methodologically, wedid surveys on the literature in this subject and the research of cases published in electronic journals as Globe and Paraíba.com. From the use of the Internet as a disseminator of knowledge, rich and wide archive, we discussed school violence in a dialogue involving history and education. Among the various forms in which it manifests - physical, verbal, emotional, harassment, humiliation, and others - bullying is being set as a current theme.

Key-words: Bullying, indiscipline, violence

O COMBATE A HISTÓRIA DO SILÊNCIO: A ANÁLISE DOS CASOS DE BULLYING PUBLICADOS NAS PAGINAS DE INTERNET

INTRODUÇÃO

Parecia ser um dia como outro qualquer numa escola pública da cidade de Gilbués, interior do Piauí. Tudo parecia ocorrer bem, se não fosse os alaridos vindos de um tumulto, um agrupamento de alunos que mais parecia uma brincadeira qualquer e que poderia ser facilmente motivo de alegria. Ledo engano. Tratava-se de uma violência. Uma agressão física. Um corpo que sofria as dores de quem apanha. Um garoto de dez anos de idade recebeu de forma assustadora socos, tapas e pontapés pelo simples motivo de usar óculos. Tudo foi filmado pelos espectadores, muito mais preocupados com a repercussão da mídia que em socorrer o aluno violentado. Embora o caso tenha ocorrido no dia 22 de outubro de 2014, a família só procurou ajuda seis dias depois para realizar o boletim de ocorrência.

A notícia foi publicada no portal *Globo* com sede em Teresina. A notícia chocou a população e ganhou repercussão nacional. A mãe da criança afirmou em entrevista que “a violência foi tamanha que meu filho passou a apresentar desmaios e sofrer convulsões decorrentes dos traumas na cabeça”¹. Após a violência, o garoto foi encaminhado ao hospital mais próximo, onde ficou internado por cinco dias. Seu corpo carregava as marcas físicas da violência. Sua memória as lembranças dos maus ditos, dos sons de dor, do pânico que se instalou. Conforme entrevista cedida ao *Globo*, Valderez Soares Dourado, mãe do garoto, afirmou que ele passou a sentir pânico do nome “escola”. Alegou que o filho sempre gostou de estudar, mas tinha dúvidas de como seria o futuro dele no contexto escolar. Foi incisiva em dizer que “além de apanhar frequentemente, também era submetido a violências de outras

¹*Globo*, 29 out. 2014.

naturezas, como apelidos e humilhações constantes”². No *roll* das humilhações podia ser ouvido apelidos como “quatro-olhos” e “jeca”. Pancadas tornaram-se pontos de exclamação.

Após a violência, as preocupações se intensificaram. As queixas de dores na cabeça passaram a ser cotidianas. O medo passou a governar a vida do aluno. O pânico se instalou. A preocupação dos pais aumentou vertiginosamente. A indignação também fez morada aos pais e aos leitores do fato: a oferta por parte do Conselho Tutelar local de um atendimento psicológico apenas para a criança violentada e nenhuma postura aos agressores; e, uma pequena reunião realizada pela escola para os pais dos envolvidos, comparecendo apenas uma única mãe, causando “uma revolta, porque mostra que eles não estão nem um pouco interessados com a violência que nossos filhos sofrem”³. O silêncio reinou. Os gestores, os professores, o secretário de educação não se pronunciaram. A impunidade venceu.

Casos como esse ocorridos no sul do Piauí, são apenas alguns, dentre tantos que estão publicados nas páginas de internet e nos jornais diários pelo país e pelo mundo. Violência que ganhou nome estrangeiro: *bullying*⁴. Assunto que tornou-se recorrente também nas escolas. Preocupação para o público em geral. Assunto que preocupa cada vez mais pais e professores, devido ao aumento de sua ocorrência, cujo assunto tem sido frequentemente noticiado em jornais e revistas de todo o mundo. Apesar de ser tema que pode ser tratado separadamente da indisciplina escolar, são interconexos entre si, visto que a prática da violência na escola só é realizada por aluno indisciplinado; o aluno bem comportado não pratica violência.

Para Antunes e Zuim (2008, p. 10) trata-se de um assunto não muito antigo, mas cujo aumento de frequência vem preocupando especialistas de várias áreas, pois além da sequência sucessiva de episódios violentos, há o tipo de violência praticada, que pode levar ao suicídio, à morte premeditada, ao assassinato. O tema sobre violência escolar surgiu na década de 1980 e, inicialmente, era praticada

² Idem.

³ *Globo*, 29 out. 2014.

⁴ O termo *Bullying*, tem origem inglesa. Apareceu pela primeira vez na década de 1970 na Noruega (Cf.: ANTUNES; ZUIM, 2008). Em sua etimologia nos deparamos com a união de *bully* (valentão, brigão), e, que não possui tradução adequada em português, abrange condutas com vários tipos de violência, desde amolações impróprias ou agressivas até episódios diretamente agressivos, verbal ou não, intencional e repetido, sem motivação aparente, provocados por um ou mais estudantes em relação a outros, causando dor, angústia, exclusão, humilhação e discriminação, podendo inclusive, haver a prática de zoar, intimidar, humilhar, ameaçar, excluir, difamar e outras. Tal comportamento se manifesta também por atos repetidos de opressão, discriminação, intimidação, xingamentos, chacotas, tirania, agressão a pessoas ou grupos (Cf.: MALTA, 2010).

contra prédios escolares, passando para relações interpessoais ao final da década de 1990, envolvendo alunos e alunos; aluno – professor, entre outros.

Em geral, a prática do *bullying* pelos alunos dentro da escola pode ter fundo familiar e suas razões podem ser as mais variadas possíveis, desde mudanças comportamentais, que podem ser originadas por fatores variados, até fatores com origem social, psicológica ou biológica. Foi, a partir dessas preocupações, suscitadas nos debates empreendidos na disciplina de Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem e nas Práticas de Ensino, que despertamos o interesse pela temática. Elegemos o *bullying* escolar como temática central dessa pesquisa, que tem por objetivo visitar a produção acerca do tema e relacionar com as notícias/casos de violência escolar publicizadas nas páginas de internet. Acreditamos, que por se tratar do cotidiano escolar, e, ser uma recorrência em todos os segmentos do ensino, faz-se necessário uma leitura sobre o tema articulada aquilo que é estampado nas mídias assustando a população.

Assim, entendemos que *obullying* na escola é um tema importante não somente para a escola como para as famílias e também para a sociedade em geral. Os problemas reais e concretos que as escolas, pais, professores e alunos enfrentam no cotidiano, especialmente na sala de aula, com ênfase na indisciplina, muito instigou o pesquisador para a realização do presente trabalho. Esse tipo de violência na escola e, até mesmo, nos meios sociais, é fator preocupante que leva a todos nela inseridos, a pensarem e repensarem sobre suas causas e a buscarem soluções.

Uma boa forma de compreensão dessa violência dentro das escolas seria o conhecimento pleno de toda a realidade escolar, ou seja, entendê-la no contexto das práticas que 'fazem o dia a dia das escolas. Isso se faz necessário devido à participação de todos aqueles que se encontra em seu interior, com interferência direta de acordo com a ideologia, o caráter e a formação moral de cada um dos integrantes diretos ou indiretos da escola. A violência é um problema que prejudica a aprendizagem na sala de aula. A equipe pedagógica deve se unir para superar esta questão, presente em muitas escolas. Partindo do exposto, revisitamos a literatura produzida sobre *Bullying* escola.

Metodologicamente, analisamos a literatura sobre o tema e as publicações de notícias nas páginas de internet, que tem se configurado enquanto um importante suporte para as pesquisas nos diversos saberes das ciências humanas. O arsenal

de fontes disponíveis nessas mídias são bastante vastos, e possibilita ao historiador o contato direto com textos/fontes antes inacessíveis. Dessa forma, podemos nos apropriar de jornais, revistas, cartas, denúncias, processos crimes, anotações, dentre outros para problematizar e produzir novos saberes.

Esse texto está organizado em dois momentos: o primeiro em que discutimos o bullying a partir do caso de Rafael Fonseca Sinfrônio, que culminou com a criação da lei municipal de combate ao bullying nas escolas da capital paraibana; a segunda parte, discutimos a violência presente nas escolas e a participação das famílias; apresentamos os discursos produzidos sobre a indisciplina na família, na escola, e, a participação da família na escola mediante casos de bullying. Portanto, convidamos o leitor a fazer esse passeio por um tema marcado pela luta da conscientização e pelas dores provocadas por palavras e pancadas.

Uma história da violência na escola

A publicação do jornal *Paraíba.com* do dia 15 de março de 2013 relatou a história Rafael Fonseca Sinfrônio, atualmente com vinte e três anos de idade, estudante de Medicina Veterinária e que teve sua história escancarada para a sociedade no ano de 2007, ano em foi manchete nos telejornais, e nos portais da capital paraibana como um jovem que fazia ameaças anônimas de ataque a um colégio privado da cidade. Dentre as ameaças, o jornal relatou a existência de um vídeo no qual Rafael Fonseca aparecia encapuzado e empunhando uma arma. No ano seguinte, o rapaz simulou um falso sequestro cuja finalidade “seria a sua própria morte, onde seria queimado vivo com os pés e mãos algemadas”⁵.

Em seu depoimento, afirmou ter feito tudo na intenção de chamar atenção contra o *Bullying* que sofria desde os onze anos de idade. Sua história tem início, como a maioria das outras, numa situação engraçada! Durante a semana de provas, uma professora resolveu passar exercícios, na ocasião considerados pelo aluno como absurdos. Na época, Rafael Fonseca que entrava na fase da vida que conhecemos por adolescência, queixou-se, pedindo para que os exercícios fossem

⁵*Paraíba.com*, 15 mar. 2013.

diminuídos e recebeu de volta uma brincadeira em forma de chacota da professora que o acusou de estar fazendo corpo mole. Em seu depoimento ao jornal, Rafael Fonseca diz que relatou o fato a coordenação pedagógica, que tratou de conversar com a professora. De volta à sala de aula, a referida docente fez questão de chamar a atenção de Rafael publicamente, e de forma severa reduziu o prazo de entrega e o responsabilizou pelo motivo.

No mesmo dia, ao término da aula, seis alunos da mesma sala fizeram a “rodinha do bobo”, num local que fica por trás da escola, portanto, longe dos olhos dos expectadores. Agressão foi mais forte: “na piscina do colégio [...] todo mundo saiu. Eu fiquei na piscina e tentei sair. Aí eles tentaram me afogar. Eu queria sair e levava chute para cair de volta na piscina. Fiquei meia hora sem poder sair e sem poder segurar na borda porque eles pisavam nos dedos”⁶. O terceiro caso de agressão foi registrado algumas semanas depois: “me prenderam dentro de um depósito. Eu nunca vi tanto morcego na minha vida. Foram quase duas horas, abaixado e em silêncio, com medo. Hoje em dia eu ainda tenho esse trauma de morcego, e tento me livrar dele”⁷. Com medo de outras situações de violência, silenciou. Com o término do ano, a família matriculou-o numa outra escola privada da capital.

No novo ambiente escolar “eu não sofri aquele *Bullying* hollywoodiano que mostra na televisão. Eles me apelidaram de Chupeta de Baleia. Mas eu fingia ao máximo não me importar, para não acontecer o que aconteceu antes”⁸. O apelido era uma referência ao cabelo liso e cortado em formato de cuia que Rafael Fonseca usava. Escondido de todos, o discente já se envolvia com o uso de drogas consideradas pesadas, a exemplo de medicamentos tarja preta, conseguidos via internet, que lhe deixavam mais calmo, mas ao mesmo tempo lhe “apagavam” a fronteira do perigo. Com o passar dos anos, a violência causava-lhes transtornos psicológicos capazes de despertar raiva, fúria e o desejo de vingança. Assim, decidiu que permaneceria na escola e ali faria algo capaz de chamar a atenção das autoridades da escola, cívicas e jurídicas para a problemática do *Bullying*. Decidiu e arquitetou um ataque ao colégio.

⁶Paraíba.com, 15 mar. 2013.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

De início enviou ameaças “por carta, depois e-mails e telefone”. Nas cartas e e-mails, Rafael Fonseca exigia que a escola tomasse as devidas providências no combate Bullying, desse início a uma campanha educativa e de conscientização, ou mesmo, punisse com severidade os agressores. Sem uma resposta eficaz, o aluno partiu para ameaças mais drásticas. No ano de 2007, já entre quinze e dezessete anos, fabricou fotos em que aparecia armado e encapuzado e divulgou na comunidade da escola se intitulando *Grupo Bulicida*. A partir da exposição das imagens, a história tomou outro rumo, o caso saiu nos portais e na televisão. A repercussão foi imediata. Com as ameaças, a escola tratou de contratar mais vinte e oito seguranças dentro dos muros da escola, dentre eles, policiais à paisana, e, detector de metal nas portas.

Em seu depoimento, Rafael Fonseca afirmou não ter o interesse em fazer um ataque armado a escola, portanto assumiu a autoria das imagens. Alegou que estava confuso devido ao uso das drogas, seu desejo inicial era simular uma agressão e tentar puxar a arma de um policial e se matar. Esse plano foi fracassado, segundo o aluno devido à falta de coragem. Após assumir a autoria das ameaças deu início a um tratamento com uma psicóloga orientada pela promotoria da infância por um prazo de seis meses.

Apesar do acompanhamento, a raiva interior permanecia. Na verdade, parecia crescer cada vez mais. Em janeiro e fevereiro de 2008, a polícia ainda tinha algumas dúvidas se Rafael Fonseca havia criado o *Grupo Bulicida* ou ele existia de fato. Aliado a isso, Rafael Fonseca começou a achar que o foco de tudo que tinha acontecido estava muito nele. Tinham esquecido o motivo principal: o *Bullying*. Afirmou: “Eu não queria ficar como um criminoso. Parecia que eu tinha feito uma brincadeira de mau gosto”⁹. Acuado, sentindo-se perseguido, ameaçado, resolveu criar outra situação para desviar o foco.

Numa noite do mês de janeiro de 2008, Rafael Fonseca dirigiu-se ao bairro do Altiplano Cabo Branco e se encharcou de gasolina. Em sua narrativa: “Me algemei, pernas e mãos. Primeiro algemei os pés, depois coloquei os capuz e por último algemei as mãos e fiquei esperando para tomar coragem para acender o fósforo. Fiquei aguardando, aguardando...”¹⁰. Mata adentro, estava longe do movimento dos carros e das pessoas. Enquanto tomava coragem para acender o fósforo começou a

⁹Paraíba.com, 15 mar. 2013.

¹⁰ Idem.

sentir as queimaduras da gasolina. Ficou tonto com o cheiro que exalava do capuz, da roupa e do corpo embebidos com o combustível. Segundo o aluno

ficou insuportável respirar. Me desesperei e sai me arrastando. Perto de uma cerca, comecei a gritar por socorro e acabou chegando um policial à paisana que estava embaixo da barreira do Altiplano. Disse que tinha sido sequestrado.

Após ser socorrido, foi levado à delegacia e interrogado por cerca de oito horas, onde admitiu a verdade dos fatos. As tentativas de suicídio se seguiram. Após o interrogatório, tomou uma overdose. “Depois do depoimento, cheguei numa situação terrível. Peguei todos os medicamentos que eu tinha... era a última ação que eu ia tomar...”¹¹. A família agiu rápido e ele foi levado para o hospital, onde passou por um processo de desintoxicação. Precisou de um longo tratamento psicológico, bem como, da realização de trabalho na promotoria da infância para conseguir sair do fundo do poço.

Sua história contribuiu para a criação de uma lei municipal aprovada pela Câmara de Vereadores da capital. A lei foi batizada com o nome de “Rafael Sinfrônio”. A referida lei autorizou a criação do programa de combate ao *bullying* nas escolas municipais da capital. De acordo com o projeto, “a escola é responsável pela criação de um plano de ações para a implantação das medidas previstas no programa, podendo encaminhar vítimas e agressores aos serviços de assistência médica, social, psicológica e jurídica, que poderão ser oferecidos por meio de parcerias e convênios”¹². Dentre outras ações conseguidas a partir das ações de Rafael Fonseca, estão a reivindicação da promotoria da infância da Paraíba que conseguiu que nacionalmente as denúncias contra Bullying pudessem ser feitas através do Disque 100. Outra medida tomada a partir do caso de Rafael Fonseca, é que passaram a ser admitidas medidas socioeducativas para menores infratores.

O que mais impressiona na história de Rafael Fonseca é a falta de políticas implementadas pelas escolas no combate ao bullying. As medidas tomadas, foram todas de segurança e não educativas. Dessa forma, faz-se necessário entender como o tema vem sendo discutido na literatura apresentadas nos diversos saberes da educação. Passamos a apresentar uma leitura desses textos que versam sobre bullying e indisciplina.

¹¹ Idem.

¹² *Paraíba.com*, 15 mar. 2013.

Sobre os silêncios acerca do bullying

Apesar de todas as transformações, a educação brasileira passa por um período conturbado, onde a violência nas escolas vem alcançando níveis muito altos. A percepção da violência no meio escolar, no pensamento de Abramovay e Rua (2003), mudam de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado. No passado, as análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos (punições e castigos corporais).

As autoras Abramovay e Rua (2003) ainda citam que, na literatura contemporânea, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade (vandalismo, por exemplo) e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos, amplia o conceito de violência escolar, classificando-a em três níveis: *violência*(golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos); *incivilidades*(humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito); *violência simbólica ou institucional*(compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos). Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p19).

Convencionou-se dizer que a violência nas escolas é fruto da indisciplina. Conforme Macedo (2007, p.22), o sentido genérico atribuído para indisciplina envolve um movimento em sentido oposto ao da disciplina, conceito este relacionado à observância de preceitos ou de normas estabelecidas.

Ainda de acordo com Macedo (2007) sustenta que, o problema da indisciplina é, efetivamente, um fenômeno complexo que não só se manifesta dos mais diversos modos e graus de intensidade como tem subjacente múltiplos fatores, uns de ordem social, familiar e pessoal e outros de ordem escolar. Se pensar na escola como um sistema aberto, facilmente se compreende que aquilo que se passa

no seu interior, incluindo a sala de aula, é o reflexo do meio que a envolve e da sociedade em geral, já que a escola não consegue ficar imune ao que a rodeia. As desigualdades econômicas e sociais, a crise de valores e o conflito de gerações, são exemplos de alguns fatores que podem explicar os desequilíbrios que afetam tanto a vida social, como a vida escolar e, por conseguinte, a disciplina escolar.

Em discurso publicado por Makarenko (*apud* VASCONCELLOS, 1995, p. 86) evidenciamos que na “velha escola, a indisciplina era entendida por nós e por nossos companheiros como algo heroico, como proeza e em qualquer dos casos, como algo engenhoso”. São exemplos de alunos que praticavam proezas como colocar algo estranho na cadeira do professor para ver sua reação ou, às vezes, ficar escondido para não formar filas nos horários da entrada com recreio. Essas pequenas atitudes eram consideradas grandes indisciplinas e tratadas com absoluto rigor. As punições desse período eram encaminhamentos à direção, suspensão da escola e, até mesmo, expulsão, dependendo da gravidade do ato. Também nesse período considerava-se indisciplina apenas a falta cometida pelo aluno.

Metamorfose. Assim pode ser entendida as mudanças ocorridas a partir desta visão totalmente tradicional. Vai de um polo a outro. Fala-se de liberdade quase sem controle e sem limites foi ganhando espaço, surgindo os grandes problemas de indisciplina que afligem a maioria das escolas (VASCONCELLOS, 1995, p. 86).

Sabemos às diversas causas para essa falta de controle sobre as atitudes das crianças e adolescentes no contexto escolar. Primeiramente, deve-se ao fato de ter havido grande transformação da sociedade que antes reprimia muito e agora, dentro das novas visões teóricas da psicologia, a família deixou de cobrar certas atitudes da criança por medo de causar traumas e consequentes danos psíquicos, o que atribuiria para afetar sua aprendizagem. Manter a disciplina é, sem dúvida, uma arte que poucos mestres dominam. O autoritarismo, os gritos e o bom e velho: “já para a diretoria” não funcionam mais (VASCONCELLOS, 1995, p. 87).

Para Macedo (2002), a indisciplina é um problema que prejudica a aprendizagem na sala de aula. Sabemos que a indisciplina é um problema bastante comum nas escolas públicas e privadas, portanto cabe a equipe pedagógica unir forças para encontrar a melhor forma de sanar essa problemática. Nesse sentido, vale reunir esforços para o diálogo entre docentes, discentes, família, comunidade, representantes do Conselho Tutelar, dentre outros. O debate do tema, parece ser um caminho a ser seguido na hora de combater a indisciplina.

Em definição de Vasconcellos (1995, p. 112) encontramos:

A indisciplina em sala de aula e na escola é atualmente, um dos grandes desafios colocados para os educadores. Estamos vivendo a crise da disciplina no contexto da pós-modernidade. O que se tem constatado é a oscilação estéril entre o autoritarismo da educação tradicional, e o espontaneísmo, da educação moderna.

Acreditamos que uma boa forma de compreensão da indisciplina dentro das escolas seria o conhecimento pleno de toda a realidade escolar, noutras palavras, entendê-la no contexto das práticas que "faz o dia a dia das escolas". Isto se faz necessário devido à participação de todos aqueles que se encontra em seu interior, com interferência direta de acordo com a ideologia, o caráter e a formação moral de cada um dos integrantes diretos ou indiretos da escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) falam claramente sobre a ética na escola com relação à indisciplina, no seguinte texto:

A escola deve ser um lugar onde cada aluno encontre a possibilidade de se instrumentalizar para a realização de seus projetos; por isso, a qualidade do ensino é condição necessária à formação moral de seus alunos. Se não promove um ensino de boa qualidade, a escola condena seus alunos a sérias dificuldades futuras na vida, e decorrentemente, a que vejam seus projetos de vida frustrados. Ao lado do trabalho de ensino, o convívio dentro da escola deve ser organizado de maneira que os conceitos de justiça, respeito e solidariedade sejam vivificados e compreendidos pelos alunos como aliados à perspectiva de uma "vida boa". Dessa forma, não somente os alunos perceberão que esses valores e as regras decorrentes são coerentes com seus projetos de felicidade como serão integrados às suas personalidades: se respeitarão pelo fato de respeitá-los (BRASIL, 1997, p. 79-80).

Reiteramos o lugar que a escola ocupa na realização pessoal dos discentes, e acima de tudo na confecção de sua educação. Não é apenas o lugar de aprendizagem, mas também espaço de sociabilidades, de amizades, de partilha de experiências de vida, e acima de tudo, dos princípios normativos que disciplinam a vida. A escola é por excelência o lugar da disciplina. Fugir desse padrão é ser colocado em lugar de "anormal", aquele que precisa ser reeducado, disciplinado. Assim, posicionamos os alunos "problema" e aqueles que cometem indisciplina.

Em alguns casos, ao traçar o perfil histórico do aluno “problema” nos deparamos com uma realidade familiar de desestrutura, ou mesmo, de práticas de violência já existente no ambiente doméstico¹³. Para Garcia (2009), ao construir uma casa, formar uma família, os instrumentos dessa ação objetiva são os pais, mas, por estarem ausentes e quererem suprir essa ausência, omitem-se no papel de educadores. Um exemplo típico é daqueles pais que, ao chegarem do trabalho, no começo da noite, encontram seu filho aprontando as mais diversas estripulias com a pessoa que o cuida e os pais, ao verem isto, não punem essa criança, ao contrário, acham até normal que faça isso, pois é uma criança, mas não percebem que ao tomarem esta atitude estarão incentivando a criança a não ter limites, a perder o respeito por aqueles que lhe apontam normas e regras sociais.

Portanto, afirma Garcia (2009), a parceria da família com a escola no sentido de estimular a criança a se envolver ativamente na vida escolar, a ter curiosidade por aprender e interpretar o mundo, é necessária. Conveniente também, que a família esteja em contato constante com os professores para saber como anda o desenvolvimento e aproveitamento escolar de seus filhos, sem, no entanto super protegê-los. Lembrando que cada criança é sempre única e, por isso, nem todas têm o mesmo desenvolvimento.

A indisciplina na sala de aula

É praticamente impossível discutir sobre a indisciplina na sala de aula sem ao menos tratar da postura do professor dentro desta. O professor tende, muitas vezes, optar pelo autoritarismo, pois para poder controlar estes jovens indisciplinados “desde casa”, somente a autoridade não lhe basta. Para tanto, ressaltamos a diferença estabelecida entre a autoridade e o autoritarismo, Tiba (1996, p. 13) afirma que:

¹³ Muitos dos casos de indisciplina infanto-juvenil são explicados pela ausência ou insuficiência de cuidados dos pais em certas épocas da infância da criança. A afirmativa é de Zagury (2000): “os pais de hoje trabalham mais e passam menos tempo com os filhos. Quando chegam do trabalho, ambos estão cheios de culpa pela ausência e para minimizar esse sentimento, tomam-se muito permissivos, deixam de estabelecer limites e de ensinar o que é certo ou errado (ZAGURY, 2000, p. 32)”.

Autoridade é algo natural que deve existir sem descargas de adrenalina, seja para impor ou se submeter, pois são reconhecidas espontaneamente por ambas as partes. Assim, o relacionamento se desenvolve sem atropelos. O autoritarismo, ao contrário, é uma imposição que não respeita as características alheias, provocando submissão e mal-estar, tanto na adrenalina do que impõe, quanto na depressão do que se submete.

É neste sentido que se vê necessário não somente tomar um ou outro tipo de atitude, e sim, verificar os momentos certos de agir com um ou com outro tipo, além, é claro, de verificar qual dos métodos melhor se encaixa no perfil da sala como um todo. E alguns professores optam por conversar abertamente com os alunos que acabam por entenderem a razão pela qual o professor deseja manter a ordem na sala, e esta tem sido a atitude da grande maioria dos professores atualmente, e vem-se obtendo muito mais sucesso desta maneira.

Diante do impasse da incerteza do controle da sala de aula, o professor se sente impotente diante desse problema. Isso acaba na busca de “culpados”, de tamanha indisciplina, que resulta quase sempre no aluno e na sua família (GARCIA, 1999). Mas, nem sempre o aluno e sua família são os únicos culpados. O professor que não estimula o aluno a participar da aula está, simultaneamente, estimulando-o a dispersar a si e os outros ao seu redor.

Para tanto, Macedo (2002) coloca que, hoje, o grande desafio no cotidiano da sala de aula é saber propor tarefas significativas, desafiadoras, realizáveis, tarefas nas quais a superação dos obstáculos implica na aprendizagem diferenciada e avaliação formativa. Atividades que requerem observação, regulação e que desenvolvam sentimento de domínio e participação e ao mesmo tempo, singulares e diversificados. Tarefas que comunicam sentidos e expressam interesses comuns, que solicitam tomadas de decisão e argumentação em favor de sua proposição e realização, que colocam situações problema, cuja execução exala sabor e saber, ou seja, tarefas que valem à pena.

O professor tem como papel principal formar opiniões e cidadãos. Para tanto, Buxarraís (*apud* KLÉBIS 2000, p. 33) esclarece que os professores desenvolvam as seguintes capacidades:

- a) capacidade de criar adequado, que favoreça a interação e o diálogo aluno/aluno, aluno/professor; b) capacidade de criar

situações que levantem problemas e contradições. Os alunos devem viver em conjunto de experiências de “problematização moral”; c) capacidade de escutar, de aconselhar e de ajudar na formação em valores; d) capacidade para construir um modelo teórico próprio e adaptado à situação educativa concreta ser sensível às diferenças de cada situação educativa; e) capacidade de animar os grupos e analisar seu funcionamento, de compreender o sentido e a dinâmica das situações surgidas na aula; f) capacidade de trabalho sobre a própria pessoa e de questionar a sua prática docente – autoconhecimento; g) capacidade de ter uma neutralidade pedagógica – para não influenciar os alunos nos juízos de valores; h) capacidade para dirigir discussões morais – competência para enfrentar e manejar situações de conflito do ponto de vista moral; i) capacidade para possuir um autoconceito ajustado e positivo; j) capacidade para afrontar situações potencialmente conflituosas – equilíbrio na convivência entre os interesses individuais e coletivos (BUXARRAIS *apud* KLÉBIS, 2000, p. 33).

Todas essas capacidades são necessárias devido à extrema necessidade dos adolescentes, crianças e adultos de terem um modelo a seguir como meta de vida. E que este, no caso, seria o próprio professor devido ao conhecimento que lhes proporcionam a constante convivência e os exemplos de vida que lhes apresenta durante o período em que discute os problemas cotidianos com seus alunos. Assim como assimila Freire (1997, p. 46), é fundamental que o professor crie condições e possibilidade, espaço para que os alunos possam:

[...] assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto.

Enfim, a ação pedagógica do professor no cotidiano da sala de aula tem a saudável tarefa de propiciar as condições para que os alunos em suas relações se assumam. Para Abramovay (2003), existem vários tipos de violência institucional; dentre esses, a autora cita a falta de diálogo entre professor e aluno, a humilhação que o professor submete o aluno, ignorando seus problemas, sem querer ouvi-los, tratando-os mal, muitas vezes, com agressões verbais.

Para Garcia (2009), a violência no cotidiano das escolas se reflete nas representações que os alunos fazem da escola. Muitas vezes, eles apresentam significados contraditórios e distintos sobre seu papel. Por um lado, a escola é vista como um lugar para o aprendizado, como caminho para uma inserção positiva no

mercado de trabalho e na sociedade, por outro, muitos alunos consideram a escola como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violência e discriminação física, moral e simbólica.

De acordo com Abramovay (2003), nos últimos anos, chama a atenção o aumento ou o registro de atos delituosos e de pequenas e grandes “incivilidades” nas escolas, o que justifica o sentimento de insegurança dos que a frequentam. Tornam-se visíveis as transgressões, os atos agressivos, os incidentes mais ou menos graves que têm como palco a escola ou o seu entorno, onde todos os atores sentem-se vítimas em potencial.

Os efeitos da violência repercutem de forma direta na vida das escolas, estabelecendo incertezas e tensão no cotidiano escolar. Em trabalho de pesquisa realizado por Sposito e Galvão (2004), em escolas públicas de São Paulo, é enfatizado a importância do papel do professor, expressado pelos alunos, ao explicarem o que seria, para eles, o bom professor, que não somente sabem explicar a matéria, mas encontram uma maneira de fazer com que o aluno se interesse e se envolva a tal ponto, que passam a gostar e a prestar atenção, eliminando a algazarra em sala de aula. Nesse sentido, os alunos entrevistados criticaram os professores que dão prêmios para quem se esforça ou vai bem. O importante é despertar a vontade: não ficar sempre atrás de um prêmio, seja da escola ou do pai.

Na verdade, o que se coloca na maioria das pesquisas é o caráter descritivo da indisciplina, não se avalia ao certo os motivos que os provocam, ou mesmo a não existência de uma educação contra a violência no ambiente escolar. Também não é nosso objetivo analisar essa situação, mas situar a existência da violência na escola e os danos causados aos alunos bulinados. Dessa forma, mostramos ao longo do texto casos de bullying ocorridos nas escolas, publicados nas mídias digitais disponíveis em páginas de internet, e que alertaram a sociedade para a gravidade do problema. A escola não pode fechar os olhos para essas situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está claro que *bullying* possui em sua essência as marcas da violência. Ele se apresenta nas formas de agressões físicas, verbais, emocionais, perseguições, humilhações em público, entre outras formas de se submeter violentamente uma pessoa ou fazê-la passar por constrangimentos, que ocasionem perturbação emocional. As causas baseiam-se em fatores internos e externos. Os fatores são próprios do indivíduo e não originários da escola, mas da falta de entendimento de regras e do próprio estabelecimento dos critérios de valores de cada um. Fatores esses provindos de desajustes familiares, distorções dos valores e da autoestima. Esse problema fica evidente, visto que não acontece apenas nas famílias menos favorecidas economicamente, mas sim em todas as classes sociais.

Já os fatores externos relacionam-se com a própria escola, ou seja, metodologias mal aplicadas pelos professores, relação professor/aluno, organização da escola, estrutura física da sala de aula e grupo de colegas. Assim, apresentamos no decorrer desse texto como o bullying vem sendo discutidos pelos profissionais da educação e apresentando casos que contribuíram decisivamente para a construção do debate do combate a violência e a indisciplina.

Falamos de uma educação que pede socorro. Clamamos a implantação de políticas públicas capazes de reduzir a violência dentro das escolas. Para tanto, foi eleito aulas mais interessantes e valores éticos para as necessidades concretas dos alunos como sugestões unânimes dos autores estudados, além do apoio e acompanhamento dos pais. Os conteúdos são de extrema importância para o aprendizado dos alunos e as aulas podem se tornar mais atrativas para que os alunos possam sentir cada vez mais, vontade de estar na escola e aprender.

Acreditamos ainda no empenho pessoal de cada educador, pois cabe a ele analisar e refletir sobre sua prática educacional. Cada caso é um caso, e não há uma receita pronta para ser seguida e que seja eficaz para todos. A reflexão e a avaliação de sua própria prática são caminhos inevitáveis para se compreender e deixar claro quais suas concepções e convicções a respeito do trabalho educativo.

Outra sugestão importante e que deve ser construída pelo grupo da escola é a inclusão do tema *Bullying* na estrutura do Projeto Político Pedagógico, haja vista que o assunto é de relevância e que causa transtornos nos diversos turnos

escolares. Cabe aos professores e ao corpo técnico pedagógico estar realizando um estudo mais detalhado dos aspectos que levam à sua prática, elencar algumas soluções práticas e aplicá-las na escola, além de orientar os pais. O tema deve ser priorizado como central, fazendo parte dos documentos que regem a vivência nas escolas. O debate deve envolver toda a comunidade escolar e a comunidade na qual a escola está inserida. Combatamos diariamente a violência. Digamos não ao *bullying* e a qualquer tipo de intolerância.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Escola: vítima que não dialoga**. 2003. Disponível em <http://observatorio.ucb.unesco.org.br/publicacoes/publicacaodacatolica>, acesso em 23/09/2014.

ABRAMOVAY, M.; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**; v. 20, nº 1, p.: 33-42, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n 9394, de 20 de dezembro de 1996**. 1. ed. Campo Grande, MS: Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GARCIA, J. Entre os muros da escola: Indisciplina e Formação de Professores. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR. **Anais**. Disponível em: http://www.isad.br/eventos/educere/educere_2009/anais/pdf/3106_1924.pdf. Acesso em 30/09/2014.

GARCIA, J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **R. Paran. Desenv.**, Curitiba, n.95, jan./abr. 1999, p. 101-108. Disponível em <http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/275>. Acesso em 30/09/2014.

GARCIA, J. Representações dos professores sobre indisciplina escolar. **Educação**, Santa Maria-RS, v. 34, n. 2, p. 311-324, maio/ago. 2009. Disponível em Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em 30/09/2014.

KLÉBIS, A. B. S. O. M. **A disciplina e a educação em valores na Escola**. Série Estudos Periódicos do Mestrado em Educação da UCDB. Nº 10. Dezembro de 2002. Campo Grande,

TIBA, Içami. **Disciplina:** o limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina:** construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertade, 1995.